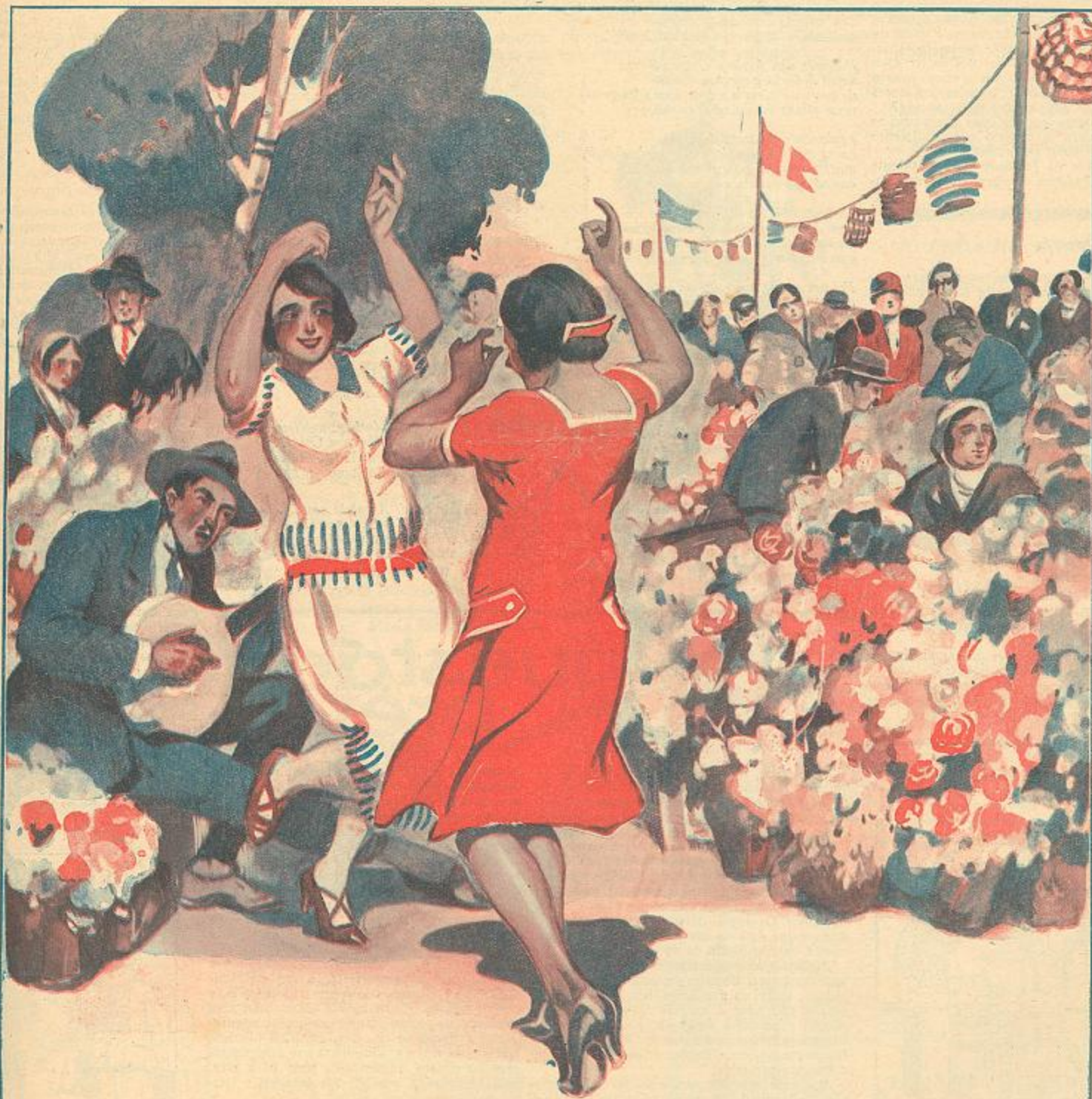
A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II—NUMERO 72 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

AS GRANDES FESTAS DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

A Semana dos Jardins

Vai decerto atrair a Lisboa gente de todos os cantos de Portugal, a grande festa que a Camara vai realizar, e que será o maior concurso de alegria, de mocidade, de beleza e de caridade, que jamais entre nós se tem realizado. Dias para o Pôvo—o Pôvo os saberá viver!

O DOMINGO ilustrado
ANO II — N.º 72
LISBOA 30 DE MAIO DE 1926
PROPRIEDADE DA EMPREZA *O DOMINGO* ilustrado
DIRECTORES: *LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA*
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO *HENRIQUE ROLDÃO*—EDITOR *JULIO MARQUES*—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

Elegancia P. R. P.

A casaca do sr. Antonio Maria da Silva é mal feita como o diabo! Se considerarmos o nosso grande estadista, simplesmente em pijama ou em cuécas, temos de confessar que ele não é positivamente um Apolo. Agora com uma casaca mal feita, a coisa agrava-se e, francamente, que um presidente de ministerio não tenha ideias—vá que não vá—agora que não tenha fato—é um fato grave!

Já aqui ha tempos verberámos umas calças em parafuso com que o sr. João Camoezas teve a audácia de se apresentar no Palacio do Oriente, de Madrid, na frente desse «fashionable» que é Afonso XIII. Foi um fiasco! Que importava para a ocasião que o nosso rosado ministro tivesse grandes planos reformadores—se não levava uns miseros suspensorios?

O sr. Camoezas passou duas horas com as calças nas mãos, e decerto o entendimento «racico» ficou muito prejudicado.

Ao ver ontem na Trindade o sr. Presidente do ministerio, só nos ocorreu um grito prudente:

—Va-se despir, sr. Antonio Maria da Silva!

Antes e depois

Como todas as nossas coisas, a obra realisada em varios pavimentos da baixa tinha de deixar um rabo.

Na travessa de S. Domingos, umas filas de barricas de cimento foram colocadas ha muito tempo, sem que ninguem saiba a que se destinam.

E' que não se trata de nenhuma barricada revolucionaria, como á primeira vista nos pode parecer, mas simplesmente de muro de vedação daquele pedaço de rua que não chegou, como o restante, a ser contemplado com pavimento novo.

Tal medida foi decerto adoptada para que a posteridade possa saber como eram as ruas da baixa antes do melhoramento que sofreram. Outra explicação não encontramos.

Falta de verba para uma coisa tão insignificante, não póde ser.

Uma diferença

Contava-nos ontem um amigo, ao considerar as desconexas telas que ornamentam o horroroso café da Brazileira.

«Afinal, a diferença entre estes paineis e os do Nuno Gonçalves é bem pouca:

Estes, sabe-se o que são, não se sabe quem os fez, aqueles sabe-se muito bem quem os fez, mas não se sabe o que representam...»

Má língua

CARTA A ABD-EL-KRIM

Meu velho.

Desta vez é que foi certo.
A Christandade surripiou-te o Riff.
Teu coração encontra-se deserto
mais negro do que a hulha de Cardiff.

Prégaste com fervor a Guerra Santa
nessa doirada e mystica illusão
de que uma alma a vibrar numa garganta
vence almas estriadas de canhão;

e iniciaste uma lucta desegual
que a moderna ambição mal comprehende,
tanto a domina o virus commercial
que só liga valor... ao que se vende.

Luctaste altivamente, braço a braço
num concerto furioso de altas vozes;
viu-as o mundo echoar por todo o espaço;
e as vozes eram mais que os albornozes...

Foi um sonho guerreiro de outras eras
de outras epochas de almas sonhadoras,
de outro tempo em que os homens eram feras,
com garras, sim, mas sem matralhadôras.

Deste a essa Causa a indomita bravura
de quem sabe a terreiro, peito a peito;
agora pensarás,—com que amargura!—
que era Causa bem digna de outro effeito.

Sim! De que serve tanta lucta horrenda
tanta desperdiçada galhardia!?
melhor que ser heroe e erguer a Tenda
é ser paisano e erguer a Mercearia.

Lamento-te. Apesar de baptizado
e de achar Mafamede um antipathico
—tal qual o que a respeito do Guisado
sentirá quem fôr anti-democratico—,

Apezar de inimigo de Mesquitas
(pondo de parte amigos desse nôme)
—o teu longo desfiar de horas afflictas
buliu-me cá por dentro, impressionou-me.

Se tivesses ao menos um avião
que fosse qualquer coisa que se visse!
A França te venceu pela aviação
sem fazeres um raid que lh'a partisse,

Agora, numa cauta gentileza
vae metter-te talvez numa redoma;
sob o dominio da ambição franceza
verá uma fona um filho de Mafoma?

Naturalmente este bater de mãos
que ahi se expande em marcha triumphal
retrata uma victoria de christãos
que mal parece ao Mustaphá Kemál;

Talvez, sonhando em ti um companheiro;
visse de prompto uma esperança morta
depois de ter mostrado ao mundo inteiro
as sete chaves da Sublime Porta.

Tudo o que foi a Hydra do Crescente
se encontra realmente sem cabêça;
mas talvez o Crescente se accrescente;
e talvez se accrescente... e appareça.

Tu, tens orgulho! O ideal era sublime,
general sem soldados, Rei sem Corte!
Nem os que pronunciam Abd-el-Crime
...de lésa Patria poderão suppor-te!

E tem fé! Muita fé! A patria acorda
quando o acordar é menos esperado!!!
—(Perdôa se este claro sursum corda
fôr mal soante em casa de enforcado.)

TAÇO

ECOS

A pêra e a mosca

Vai cair o sr. Silva, sem pêra, vai subir o sr. Gaspar, com mosca. Que nos importa isso? Que importa ao paiz, pêra ou mosca? Que chuchadeira é esta, que troça é esta, que faz pôr em frente do interesse de alguns milhões de homens verdadeiras brincadeiras de trampolim?

O que significa, politicamente, como solução digna aos instantes problemas vitais de toda uma nação, que seja o homem da pêra, ou o homem da mosca, que estejam no Terreiro do Paço?

Acaso essa mudança soluciona o tremendo «beco» parlamentar, acaso isso modifica o aspecto, a directriz, a administração—numa palavra—o governo?

Acaso com a subida do sr. Gaspar ha um vislumbre de esperança, sequer, de a nossa vida social melhorar?

Não. Pêra a menos, mosca a mais... é a mesma comparsaria... Ora cebo!

«Seara nova» e «gente nova»

A «Seara nova» começou por querer refazer a «élite» republicana entre nós, apanhando os destroços sujos da revolução de 5 de outubro e recompondo com elevação e com fé a propaganda da Ideia democratica, na sua melhor expressão. Tão bem intencionadas—ou melhor, porque são mais radicais e mais genuinas no seu idealismo—surgiram as camadas nacionalistas, e cuja pureza de principios é justo prestar homenagem, e que em Antonio Sardinha—tão grande figura moral como intelectual—tiveram seu arauto entusiasta.

O conflito de S. Carlos não poz em combate as das mais puras correntes politicas que temos. E', tão somente, uma questão com o sr. Antonio Sergio e não podem com ele, decerto ser solidarios em toda a extensão os partidarios da «Seara Nova».

questão prévia

HA dias, na companhia amena de alguns homens e senhoras de teatro e de cumplicidade com uns tantos jornalistas, aconteceu-me almoçar no «foyer» do Trindade, em homenagem ao actor Ernesto Vilches.

Já não é a primeira vez que me sucede tomar assim uma refeição em conjunto e em honra de qualquer individualidade de destaque, mas atravez de tantos almoços, jantares e ceias de homenagem que tenho pago e comido, ainda não logrei determinar—confesso-o—onde é que está ou em que propriamente consiste a exteriorisação da nossa admiração.

Em todas as manifestações afectivas ou votivas ha formas de exteriorisação definidas. Assim, no amor, os sacrificios feitos pela pessoa amada dão bem a medida da intensidade do afecto, e no culto religioso, por exemplo, as oferendas frequentes e o ardor das preces são inequivocas demonstrações do apêgo do crente á imagem preferida.

Mas na admiração pura e simples pelas manifestações da inteligencia, além das palmas e das corôas arcaicas e fora de moda, não vejo produzir-se outra exteriorisação que não seja a de comer, beber e digerir, porque a digestão e possivelmente a assimilação dum almoço de homenagem devem naturalmente fazer parte da mesma homenagem.

* * *

Como admirar é, de qualquer forma, amar, poderemos nós filiar a refeição de homenagem no espirito de sacrificio que anima quem ama e, consequentemente, quem admira? E, sendo assim, onde está o sacrificio? Em desembolsar uma avultada quantia? Em meter no estomago uma porção de cozinhados, com o nome em francês e molhos suspeitos? Em ficar apertado á mesa e entalado entre pessoas desconhecidas? Ora nada disto, em verdade, constitue verdadeiramente sacrificio, porque ha sempre o recurso de achar caro, de não comer e de alargar um bocadinho os braços, passando a meter conversa com os visinhos do lado.

Será, então, a comida de homenagem um acto de culto, uma manifestação ritual de admiração? Se é, devemos interpretar cada garfada que o homenageado leva á boca como uma oferenda de todos os presentes, seus admiradores e, francamente, pessima ideia ficariam fazendo de nós os admirados que interpretassem os nossos sentimentos para com eles, pela abundancia e sabor dos «sauces» e «pudings».

Emfim, nesta altura da cronica e da vida ainda não sei, tendo almoçado, jantado e até ceiado tanta vez em honra de varias pessoas, como foi que, de garfo em punho e guardanapo sobre os joelhos, lhes prestei as homenagens da minha admiração.

Compreendo que aquelas pessoas que comem e discursam na altura das sobremesas considerem estas refeições como manifestação suficiente da sua admiração pelos homenageados, mas aqueles que, como eu, têm de comer e calar, como hão de fazer notar ao alvo das homenagens a sua participação rendida? Falar sem estar inscrito no «menu» dos discursos, é impertinencia... Arrotar, mesmo em homenagem, é feio e desagradavel... Só resta um recurso: o de nos dirigirmos particularmente ao homenageado, apertar a mão e desejar-lhe bom proveito. E' o que eu, neste lugar, faço a Vilches, acrescentando que o admiro tanto que no almoço em sua honra comi quatro pães com manteiga—eu, que a cada refeição vulgar nem um chego a comer.

ECONOMISÊMOS

—O avaliador quere carissimo para avaliar a mobilia...
—Não faz mal, levamo-la lá para ele a ver...

FACIL DE DIZER

—E, depois, não desespère... agarre-se á vida com ambas as mãos...

HUMORISMO

crónica alegre

O TAL SORRISO

No dia da assinatura do tratado de Versalhes, eu escrevia de Paris para um jornal de Lisboa certa crónica intitulada *O sorriso do boche.* Contava eu que, encontrando-me na Galeria dos Espelhos assistindo á grande e inolvidavel cerimonia, vira, no grupo de jornalistas alemães admitidos a presencia-la, um dêles trepado na base duma coluna de mármore e assistindo a tudo aquilo—o desfile dos grandes signatarios, Clemenceau, Lloyd Georges, Venizelos, etc., depois o dos representantes teutónicos, o silencio religioso da sala, o estridôr das aclamações no parque, as salvas nas encostas proximas—com um enigmatico sorriso nos lábios.

Pedia ao Grande Distribuidor da vida que me concedesse mais vinte e cinco anos de existencia para poder descobrir o mistério daquêle sorriso. Não foi preciso tanto. Bastaram sete. Agora já sei de que se ria o *boche.* Ria gosando antecipadamente o formidavel *bluff* dos marcos papel, a creação do marco ouro, a eleição de Hindenburgo para presidente duma Republica Imperial e, muito principalmente, o que se está passando com a França, forçada a reconstituir pelos seus proprios meios o território devastado por inimigos e aliados, não conseguindo sacar dinheiro que se veja aos seus credôres e apertada na goéla pela mão de ferro dos seus aliados de hontem. O que se passa na America é revoltante. Os ares que se dá a Italia dão quasi vontade de rir. Quanto aos inglêses, batem todos os seus *records* de egoismo. Quando do avanço alemão em terra de França foram transportadas para Inglaterra as reservas metálicas do Banco Emissor francez. Era uma preciosidade confiada a um amigo numa ocasião de aperto. Pois hoje a Inglaterra pretende reter esse ouro como penhor da divida do guerra francêsa, quando êle poderia servir como massa de manobra na defêsa do franco assedíado por todas as formas.

Recordo-me que, na zona de guerra, ouvi vários *poilus* dizerem irritados:

—«E' preciso vencer esta guerra e dentro de dez anos fazer outra á *ces cochons d'Anglais.*

Teriam rasão esses pobres diabos, que jazeram anos na lama das trincheiras? Estou meio tentado a julgar que sim.

GRÉVES ESCOLARES

Quando eu era pequeno e frequentava o liceu do Carmo tomei parte num projecto de *parêde* dirigida contra um professor, o qual nos tinha feito já me não lembro que terrivel injustiça. Recordo-me, porem, de que, estando os grevistas á porta ouvindo um eloquente oradôr de quinze anos, sobreveiu o reitôr, dr. José Maria Rodrigues, com

os seus oculos terriveis e as mãos atraz das costas. O orador calou-se como por encanto, nós entramos para o páteo interior e, quando démos por nós, estavamos todos na aula, mesmo os que teriam feito uma *gazeta* pessoal.

Anos depois, na Politecnica, deliberámos, os alunos de certa cadeira, declarar todos, se fossemos chamados, que não estavamos habilitados. Isto em virtude da extensão das lições. O professor chamou seis alunos que, do logar, fizeram a vénia tradicional. Serenamente o mestre marcou zéro a cada um e, cumprimentando-nos com o melhor sorriso, voltou-se para a pedra e explicou uma lição cinco vezes maior que o costume. Ficámos emendados e os

seis da nota má viram-se pelo ano adeante loucos para poderem conseguir média de exame.

São estes os dois grandes acidentes da minha vida académica.

Hoje os tempos vão mudados. A academia em pêso se revolta e abandôna as aulas. Os reitôres, mesmo com oculos, não infundem o menor respeito e os professores não pésam na balança das decisões académicas. As associações, as federações lançam os seus decrétos. A massa obedece, tanto mais que o faltar ás aulas não é trabalho que mate. Dirão os pessimistas rabugentos ser horrivel que os dirigentes d'amanhã deem hoje tão patentes provas de indisciplina. Por mim, acho que antes seria para extranhar que na cacafonía universal, no *jazz-band* em que vivemos, houvesse uma nota discordante de ordem e essa provinda de gente nova. Deixem lá os rapáses divertir-se. Quando forem velhos têm muito tempo para estarem sentados em cadeirinhas de rodas e outros velhos principios equivalentes.

O MARASMO

Caímos novamente no marasmo. Angola e Metropole, Augusto Gomes, pertencem ao passado. Das senhas já ninguem fala. Não ha nada que interesse. Os batuques do parlamento não prendem nenhuma atenção. As gréves dos estudantes agitam-se na indiferença geral. O ceu está azul. O dia nunca mais acaba e o alfacinha deixa-se viver. Não pensa em cousa alguma. A imprensa súa o melhor da sua tinta para encher as interminaveis colunas. A quem para dizer alguma cousa, pergunta:—«Que ha de novo?», respondem bocêjos sem fim. Portugal é um paiz feliz, que não tem historias e onde não acontece nada. Meus amados irmãos, aproveitem o calor que desponta e concentrem-se na concentração do próprio umbigo ou no de quem mais estimarem. O tempo vae magnifico para isso. E Deus no-lo conserve assim.

SEMPRE O «PAULITEIRO»

O nosso amigo foi ouvir a companhia hespanhola.—Sim, senhores, dizia êle á saida. Todos muito bem. Isto é que se chama um desempenho *hidrogénio*...

ANDRÉ BRUN

DE DOIS, UM...

—Ou eu, ou você! Um de nós é parvo!
O creado: Eu conheço bem o senhor. Nunca tomaria ao seu serviço um parvo...

NO PROXIMO NUMERO

UMA NOVELA PARLAMENTAR COMPLETA...

TEATRO NOVO

DE

AUGUSTO CUNHA

TEMPOS D'HOJE

—Ó menino, onde estão os paizinhos?
—O papá foi pôr a cabeleira, e a mamã foi ao barbeiro...

VARIA

Curiosidades

Notas comicas

Os martires

—E' uma carta da mamã, e diz que te abraça...
—Ah! Ela nunca perde realmente a ocasião de ser desagradavel...

Negocios são negocios

—Obrigado meu rapaz! A carteira é realmente minha. Cá estão os 10 contos. Mas onde estão os juros, desde o dia em que a perdi?

Professor arcaico

—E agora dizei-me quais são, como diziam os antigos as cinco «partidas» do mundo?
—Ah! Já sei: o foot-ball, o tennis, o croquet, o rugby e o hockey...

Experiencia

—Vamos, toca a girar!
—Para que eu caia não vale a pena empurrar, bruto!

LEÕES E TIGRES

Nem os leões nem os tigres teem resistencia pulmonar para suportarem uma corrida cuja extensão exceda 1500 metros.

PULVERISADOR ECONOMICO

Quando é preciso um pulverisador e não ha nenhum em casa, não é necessario comprál-o. Com um frasquinho, uma rolha de cortiça e dois tubos de penas ou de balanco, como os que se usam para sorver as bebidas geladas, se pode arranjar um bom pulverisador.

Corta-se a rolha de cortiça até meio nos dois sentidos, ao alto e a través, e em cada uma das novas superficies se mete um dos referidos tubos. A rolha mete-se, em parte, no gargalo do frasco, para poder ser transportado o improvisado pulverisador aonde se quizer. O tubo que fica perpendicular desce pelo mesmo frasco, o qual contém o liquido, e soprando pelo outro tubo, que fica na posição horizontal e cuja extremidade interna fica chegada á extremidade superior do tubo perpendicular, sairá logo o liquido em fórma de borrifo, como no pulverisador mais perfeito.

UMA INDUSTRIA PERDIDA ENTRE NÒS: BICHOS DE SEDA

Segundo antigas tradições, foi em 551 que se introduziu na Europa a creação dos bichos de seda, os quaes foram trazidos da India e Constantinopla por dois religiosos, que não só ensinaram o meio de os fazer propagar, mas tambem a fiar e preparar a seda. Levava antigamente este comercio somas consideraveis para a India e Persia. Justiniano foi o primeiro que, no seu reinado, premiou aqueles que, trazendo-lhe este novo ramo de industria, obstaram a que a Europa fôsse, por ele, tributaria da Asia em avultadissimas quantias

Como se sabe, o Marquez de Pombal mandou plantar grande numero de amoreiras, a fim de augmentar a industria dos bichos da seda, mas o Marquez morreu ha muito, e a industria agonisa.

A MODA DAS TATUAGENS

Um celebre costureiro parisiense M. Poiret, acaba de lançar a moda das tatuagens. Será efemera como a dos relogios nos tornozelos? Será dominadora como a dos cabelos cortados?

A pratica da tatuagem remonta aos tempos mais antigos, não sendo provavel que se lhe possa encontrar a sua verdadeira origem. Herodoto refere que estava já em uso na Tracia.

Nas grutas preistoricas de Avignac, do antigo Egito, foram descobertos ossos ponteagudos analogos áqueles de que hoje se servem as modernas tribus selvagens para o fim da tatuagem.

O preceito mosaico «Não cortarás a tua carue com substancias dos mortos, nem traçarás no teu corpo nenhuma figura nem nenhum sinal» refere-se directamente a este costume antigo.

Os assirios cobriam todo o corpo de desenhos, segundo relata Luciano, e o mesms diz Plinio dos dacios. Os fenicios e os judeus, refere Lombroso, o celebre criminalogista italiano, traçavam na fronte e nas mãos linhas a que davam o nome de «sinaes de Deus».

A tatuagem estava muito espalhada entre os antigos bretões, supondo-se até que o seu nome (Brith, que significa pintura) é derivado desse costume.

RECEITAS BÔAS.—*«Plum-puding»*

Para se fazer o «plum-puding» corrente rão precisos os seguintes ingredientes:—Três quartas de passas de corinto, três quartas de farinha, meio arratel de sêbo de rins muito picado, meio arratel de miolo de pão, dois ovos e meio arratel de melaço.

Misturam-se os ingredientes sêcos e deita-se no melaço muito quente, acrescentando-se-lhes um pouco de leite e dois ovos.

Para conservar este «puding» durante alguns mezes, é preciso tambem misturar-lhe um copo, dos de vinho, cheio de cognac.

A presença de um pouco de gengibre e de canela contribui muito para o melhorar.

RECEITAS BÔAS.—*Cardos em môlho branco*

Cozem-se os cardos, depois de bem limpos e branqueados, e deixam-se fóra do fogo, dentro da agua em que se cozeram.

Faz-se numa caçarola um môlho branco, e, escorridos os cardos colocados num prato, afogam-se nesse môlho e servem-se muito quentes.

AS VOZES DOS PIANOS

Quando os pianos estão afastados da parede, as suas vozes são incomparavelmente melhores e mais sonoras.

Notas comicas

Questão de higiene

—E' tarde, doutor! Acaba de dar o seu ultimo suspiro!
—E tiveram o cuidado, como recomendei, que fosse pelo nariz?

A primavera...

—Tudo é poesia, tudo floresce, minha amiga...
Nascem as plantas, nascem os furunculos no nariz de meu marido...

Desculpa admissivel

—O que faz você ahi, em cima da minha gingeira?
—Acabo de cair dum aeroplano...

Carestia da vida

—Sou ainda o que tu tens de mais caro, meu amôr?
—Oh, filha, emquanto o preço da vida não subir mais!...

O DOMINGO ilustrado

TEATROS

cá por dentro

UM GRANDE ACTOR QUE DESPONTA

ANTONIO VICO, *galã da companhia Vilches*

Os grandes espectaculos que a companhia Vilches nos tem dado na Trindade marcaram não só pelo admiravel espirito de conjunto scénico que presidiu a essas exibições como pelas revelações de valores pessoais que nos vieram dar. Além de Vilches, que teve, como não podia deixar de ser, a consagração devida á sua alta individualidade de director, e de Irene Heredia, que é uma actriz culta e muito curiosa, um facto novo se revelou, possuidor duma tecnica modernissima, duma intenção segura nas varias interpretações que lhe couberam: Antonio Vico. E' um actor—e o que é mais—um actor com estilo proprio de representar, com alegria, com nobreza em scena, e que apezar dos seus escassos e flagrantes 22 anos, possue recursos de tecnica explendidos. A Espanha contará, em breve, com um grande «jeune-premier», que nos sentimos felizes por surpreender já, na sua gloriosa nascença.

palestras de café...

Vendo e ouvindo Vilches

—NÃO lhe parece que a gente de teátro que tem assistido ás recitas de Vilches poderia e deveria tirar algumas conclusões desses espectaculos?

—Evidentemente e não são poucas. Em primeiro o que temos aplaudido no Trindade não é sómente Vilches: é a companhia Vilches. As *tournées* que habitualmente nos visitam são improvisadas. Apreciamos um artista ou um casal d'artistas nas suas melhores creações, cercados, porem, por companheiros d'improviso, alguns com talento, é certo, mas deshabituados de trabalhar em conjunto e tendo tido muita vez que saltar fóra do seu genero. Na companhia Vilches admiramos um grande comediante, certamente dos mais interessantes do momento, que interpreta e não representa e é actor—no sentido da palavra latina—realisando, creando acção. Mas esse artista move-se dentro duma companhia escolhida onde se sente a sua mão e o seu exemplo. As distribuições são quasi perfeitas. Rara é a noite em que, a par da creação de Vilches, não ha a notar quatro ou cinco papeis admiravelmente realisados. Sirva isto de licção aos nossos artistas que, julgando-se dignos de serem admirados só por si proprios, se cercam de nulidades e, nesse rebanho docil, fazem distribuições forçadas que por vezes arripiam. O teátro não pode deixar de ser uma obra de conjunto. Ha anos a companhia Tina de Lorenzo, recentemente a companhia Vergani, mostraram-nos, como Vilches agora, que os bons conjuntos tambem podem viajar.

Qualquer destas companhias citadas traziam consigo toneladas de scenarios e bagagens. Ao conjunto histrionico acrescentavam a propriedade, o bom gosto, o rigor da enscenação material. Em Portugal, um actor em *tournée* já reduziu um salão luxuoso a um sofá de palhinha, dois cadeirões e um telefone sobre uma mêsa de pé de galo. E cousas parecidas com isto já foram vistas em Lisboa, atravessaram o Oceano e tiveram o desplante de se exhibirem no Brazil.

* * *

—Outra conclusão a tirar do éxito de Vilches é que hoje um primeiro artista não pode deixar de ser muito inteligente e muito culto. Vilches é quasi desprovido daquelas qualidades exteriores que antigamente se exigiam a um comediante. E' pequeno, franzino, míope, no seu rosto não ha caracteristicas marcantes. O que tem por si é ser poderosamente inteligente e, quer se trate dum exercicio de virtuosidade como *O eterno D. Juan*, quer estejamos em face do protagonista de *Todo un hombre*, essa inteligencia ressalta, quando, serenada a nossa emoção ou a nossa curiosidade, lhe analisamos o trabalho. Sente-se, alem disso, que esse trabalho é constante, que Vilches nunca se abandona nem abandona os seus papeis. As suas creações são a sobreposição de muitas experiencias sempre orientadas no sentido de fazer melhor. Zacconi disia-me um dia em que eu o felicitava pelo seu assombroso trabalho do *Otelo*:—«Sim. E' uma peça que espéro vir a faser bem. Represento-a ha quatorze anos e estudo-a sempre». Sente-se que Vilches é possuído da mesma ancia de perfeição e procura sempre atingi-la.

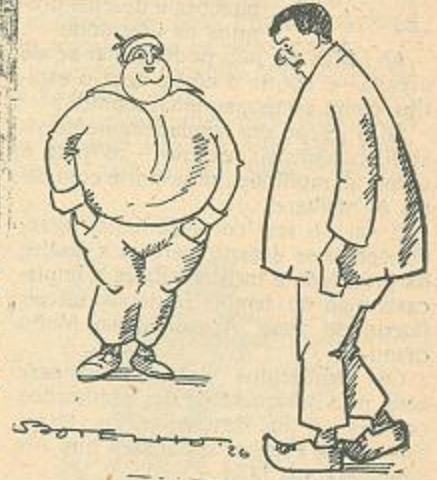
Muitos dos nossos artistas que se julgam grandes, passado o cabo da primeira representação, respiram e, quando se não permitem liberdades escandalosas e muitas vezes absolutamente estupidas, vão caminhando ronceiramente na lei do minimo esforço. Mudam de reportório cada época. Não ha um papel que os prenda. Vilches disia uma destas noites no seu camarim:

—«Eu não poderia ser senão actor...

Algumas das nossas celebridades podiam ser tudo. O mênos que são é actores, na acepção exacta do termo.

A. B.

comentarios

No Nacional

Otelo de Carvalho e Antonio Pinheiro n peça «Papillon o Bom Rapaz».

Banquetes

Ao grande actor Vilches foi oferecido um banquete no «Foyer» do teatro da Trindade, promovido por uma comissão de artistas, ao qual compareceram os maiores nomes do jornalismo e da critica, estando todos os jornais representados. «O Domingo ilustrado» fez-se representar pelo seu director. Julio Dantas ofereceu nessa ocasião a Ernesto Vilches uma grande reprodução em sépia, do quadro a «Ceia dos Cardeais», de Leitão de Barros, tendo escrito nessa dedicatoria uma valiosa apreciação daquela aguarela de grandes dimensões.

Tambem ao actor Gil Ferreira foi oferecido um almoço no Teatro do Gymnasio, promovido pelo camaroteiro e pelo eletricista daquele teatro.

A Revista «de Teatro»

Deu mais um lago passo em frente o brilhante magazine teatral, dirigido pelo nosso prezado amigo e distinto homem de teatro, Mario Duarte. Tendo mudado de formato, enriquecendo-se com valiosa colaboração e tomando um aspecto mais arrumado e mais europeu, a revista «de Teatro», que já agora fica rá presa á historia do nosso teatro contemporaneo e ao esforço que a geração actual tem feito para o engrandecer, bem merece de todos os que gostam de emprestar o seu auxilio ás obras de alcance patriotico.

O «Domingo ilustrado», que é um jornal que chega a todas as camadas da população, recomenda bem sinceramente a revista «de Teatro» como um livro que fica perfeitamente nas estantes de pobres e ricos, de todos os que têm um minuto para viver do espirito.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

A vitima do doutor Voronoff

A originalissima novela do primeiro português que foi a Paris reconquistar a juventude.

MARIO Sepulveda não era velho, mas já coleccionara cincoenta anos. Não era velho, porque tinha um espirito novo, inquieto, cheio de aspirações e desejos proprios da juventude.

Ah! Mas ele não podia voltar-se do avesso—e cobrir o corpo com o espirito, como se usasse uma couraça!

Só o corpo era verdadeiramente visivel, ostentisivo, exterior—só para o corpo as multidões olhavam e com estas as mulheres...

E—ai! o seu corpo já tinha rugas; da epiderme desaparecera já a maciez da juventude e na sua cabeça a implacavel mão do tempo ia deixando cair flocos de neve. Apesar disso, Mario casou-se...

Os conhecidos extranharam esse acto, pela desigualdade das edades dos conjuges e os desconhecidos, se ele saía com a esposa, supunham que Arminda era sua filha...

Arminda tinha apenas trinta anos e aqueles vinte que a separavam do marido eram um constante motivo de sofrimento para Mario Sepulveda.

Como ele era rico, em todos os olhos amigos havia esta oculta suspeita: «Ela casou com ele por dinheiro»... Mario compreendia isso, adivinhava essas duvidas, e, pleno de tristeza, lamentava que elas tivessem razão de ser...

E como adorava Arminda e esta o amava tambem, na sua alma vivia este secreto anelo—rejuvenescer!

«Se eu fosse novo! Ah! Se eu pudesse voltar á mocidade!»

* * *

Ele tinha lido muitas referencias ao doutor Voronoff e á sua extranha descoberta—mas isto sempre lhe parecera assunto de «magazine» ou de almanaque, que são os grandes colecionadores dos assuntos raros, que nunca teem realidade...

Mas um dia fixou melhor aquela extranha possibilidade: O «Seculo», a proposito do sabio russo, citava uma revista de medicina publicada em Paris e onde fôra inserto um profundo estudo sobre as verdadeiras maravilhas conseguidas por Voronoff.

Mario comprou essa revista, e como o estudo em questão vinha assinado por um medico notavel, cuja fama o obrigava a ter grandes responsabilidades nas suas afirmações, já não duvidou tanto dos efeitos das glandulas de macaco... Admitiu mesmo a hipotese de que tudo aquilo fosse verdadeiro...

E numa noite de ternura e enlevo, murmurou a Arminda:

—Se eu fosse mais novo, gostarias mais de mim, não é verdade?

—Que ideia! Se eu te amo assim mesmo! Se não gostasse de ti, não casava...

Estas palavras, ditas em tom generoso, não convenceram Mario.

E oito dias depois, sob um habil pretexto, ele demandava Paris...

* * *

O doutor Voronoff não se responsabilisou pelos resultados da operação. —Nalguns pacientes—disse—o exito é absoluto; noutros, todos os esforços para reconduzil-os á juventude ficam apenas como uma interrogação... O

... se fosse mais novo, gostarias mais de mim?

invento está ainda no periodo das experiencias...

—Mas quer se rejuvenesça ou não, ha perigo de vida, doutor?

—De maneira alguma. A unica vida que periga... é a do macaco...

—Nesse caso façamos a tentativa...

...E fez-se. Foi imolado um dos cinocefalos que o doutor Voronoff tinha no jardim de aclimatação de Paris; foram extraidas as suas glandulas e logo enxertadas em Mario Sepulveda.

Quando se libertou do poder do cloroformio, Mario olhou para si, olhou em seu redor, na esperança de ver sorrir-lhe a antiga mocidade...

Mas não. O dr. Voronoff lavava tranquilamente as suas mãos e o enfermeiro punha em ordem os instrumentos cirurgicos...

* * *

Mario foi hospitalisado sob a constante vigilancia do celebre medico russo.

E os dias iam-se passando... Todas as manhãs e todas as noites ele tirava um espelho que escondera sob o travesseiro e, contemplava-se.

Nada.

Tinha os mesmos cincoenta anos, as mesmas rugas, os mesmos cabelos brancos...

E o dr. Voronoff, quando vinha visita-lo, limitava-se a murmurar:

—Vamos a vêr... Vamos a vêr...

E agora, a propria enfermeira, ao entrar no quarto, já não trazia, como nos primeiros dias, os olhos afiados pela curiosidade...

—E' um caso perdido...—pensava Mario.

Um dia, porem, o dr. Voronoff permitiu que Mario se levantasse—e Mario, ao andar pelos corredores e jardins do hospital, sentiu um extranho vigôr... E dali em deante ele assistiu á transformação da sua epiderme, que se ia alisando, perdendo as rugas, como se tivesse sido passada a ferro... Rejuvenescia, de facto. Até o proprio volume do corpo se ia reduzindo; os labios estavam agora vermelhos—e apenas os cabelos continuavam brancos...

O dr. Voronoff, ao vê-lo assim, disse:

—Só a experiencia pode consagrar definitivamente as grandes descobertas scientificas... O senhor é para mim um «caso» novo... Nunca supuz que quarenta dias depois da operação ainda pudessemos aguardar bons resultados... O senhor parece um rapaz de vinte anos!

—Mas os cabelos continuam brancos, sr. doutor!

—E' verdade... Continuam brancos... Mas—que diabo!—não devemos ser muito exigentes... Eu bem

Não, não és tu? Quro-te como tu eras...

lhe disse que estavamos ainda no periodo das experiencias... Mas não se preocupe com isso, ha muita gente nova com cabelos brancos... Olhe! Quer um conselho? Pinte-os! E' uma forma radical! E está bom, meu amigo! Está bom!

* * *

Dias depois Mario Sepulveda regressava a Portugal. Era agora tão jovem, tão novo, que na fronteira, quando apresentou o seu passaporte e a policia de emigração leu que ele tinha cincoenta anos, não quiz acreditar e pozlhe todos os obstaculos, julgando que se tratava dum passageiro clandestino com passaporte falso, o passaporte de outro homem...

Depois de muitas explicações e de telegramas trocados entre Paris, Lisboa e a fronteira, Mario Sepulveda poude continuar a sua viagem. Mas ao abandonar os agentes, sentiu que estes ficavam a rir-se dele...

Chegou a Lisboa cheio de alvoroço e antegosando a deliciosa surpreza que ia dar á esposa...

Arminda, a quem ele prevenira, por um telegrama, do seu regresso, esperava-o na estação do Rocio, mas debalde olhou para todos os passageiros que saiam do comboio...

E já ia a retirar-se, certa de que Mario não viera, quando ele, que estava ao seu lado, exclamou ternamente:

—Meu amôr! Então não me conheces?

Ela conheceu aquela voz, mas ao ver que o homem que assim falava não se parecia com o seu marido, quedou-se a contempla-lo, muda, assombrada.

—Arminda! Então? Sou eu. Rejuvenesci, meu amôr! Foi um medico, em Paris...

—Não pode ser! Não pode ser!—murmurou, emfim, Arminda.

E recusou-se a cumprimenta-lo, a abraça-lo.

A scena atraira inumeros curiosos e ele teve de explicar tudo a Arminda, para que esta o acompanhasse...

Por fim lá partiram os dois, ouvindo Mario dizer aos curiosos que o tinham escutado:

—Ora o velho sem vergonha! Querer ficar como um rapaz, para ser agradavel á mulher! Ele sempre ha cada desavergonhado!

Mario quiz voltar-se para castigar os detractores, mas verificou que isso seria inutil—eles eram muitos e compostos em sua maioria por mulheres. Alem disso, alguns pertinazmente curiosos marchavam atraz dele—como se marchassem atraz dum fenomeno, dum pele vermelha ou dum elefante recemchegado de Africa...

Mario e Arminda foram obrigados a tomar um «taxi»...

* * *

Em casa, Arminda abriu a valvula da sua colera:

—O que tu fizeste foi uma traição! Sim, sim; uma traição! Quereres ser mais novo do que eu! Como fico eu agora? Como posso ter um marido que dir-se-ha meu filho? Todos repararão na desigualdade das nossas edades—e eu parecerei assim muito mais velha do que sou!

—Mas... filhinha... até agora dava-se a mesma coisa, com a diferença apenas de que era eu...

—E tu chamas a isso a mesma coisa?

—Fil-o por ti, crê!

—Não to pedi! E assim é que isto não pode continuar! Não quero ser ridicularisada! De hoje em deante não

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 9

O DOMINGO Ilustrado

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

VIDA DA NOSSA VIDA!

Um filho! Por um filho o que não faz uma mãe? É criminosa a protagonista desta novela?

Acompanhei de longe a historia desta mulher. Ela perdeu-me de vista, mas eu pude seguir-lhe, a par e passo, a existencia toda. Conhecia-a ha vinte anos. Eu era um garoto e ela uma morenita de pele macia e de longas curvas negras nos cabelos, com seus dezasseis anos pobres, o seio miudinho e rijo a despontar no corpete de requife barato, e um manso olhar brilhante, quente e sofredor, sob a sombra das pestanas largas.

Eu morava então para a Estrela, e todas as noites, ao voltar a casa, vi-a na janelinha rez da rua, detraz dumas cortinas asseadas, a costurar, sempre debruçada sobre uma velha maquina de cozer.

Lembra-me depois que uma manhã os sinos de Santa Isabel tocaram a casamento, e era domingo.

Vi-a sair da egreja, com a sua mantilha negra apanhada com um pente sobre a testa muito palida, pelo braço dele. Convidados, poucos. Apenas a gente do noivo, que ela vivia só com a pobre velhota—a avó—e não tinha mais familia.

Via-a depois, pelas tardes tranquilas de maio, passar á travessa, depois do jantar, já de esperanças, muito lenta, pelo braço do marido, vermelha de andar, feliz de ir com ele.

* * *

E ele era pequeno como ela. Levava-a pelo braço com carinhos de pae. Soube depois que ele trabalhava de serralheiro. E parece que nos olhos escuros e sanguineos havia o reflexo perpetuo dos carvões e das brazas da bigorna. Mas era magro e fraco. E nesse verão, com os trabalhos exaustivos e mortais da oficina, veiu para a cama, para não mais se erguer.

Via-a então nas corridas tremulas para a farmacia, com o chalito pelos ombros e o cabelo em desalinho—velando por ele, lutando contra a morte implacavel da sua felicidade e do seu lar.

Senti-lhe o grito estridente e lancinante nessa tarde, quando a carreta da *Voz do Operario* passou á pequena porta da sua casinha, onde se albergara um ano de amor humilde.

Via-a chegar á porta, com o filho nos braços, congestionada do chôro, inchada da dôr de tragedia que lhe subira ás faces, e beijar muito a orla do caixão, no meio do respeito silencioso dos companheiros de trabalho, que vinham, com o ar de amigo, e de negro, levar-lhe o marido aos Prazeres.

Vi depois a casinha fechada, longos dias, como se dentro dela morresse tudo com aquele morto, que a carreta da *Voz do Operario*, pequenina e humilde, como as vidas dos que enterra, levara, nessa tarde de sol, pela encosta do Rato...

* * *

Vi depois o desmantelar-se lento daquele lar sem chefe.

A creança era doente.

Via-a sair pela manhã, levando-a aos hospitais, ás clinicas dos pobres, aos lactarios. Vi-lhe as fundas olheiras das suas vigilias de viuva e de mãe—mulher de operario, abandonada pela sociedade e ignorada da assistencia.

Via-a vender, pouco a pouco, o miseravel espolio, e cair morta de cansaço e de dôr—ela propria, doente.

Passaram-se então semanas que a

O trabalho exaustivo da oficina levou-o á cama...

casa, fechada e morta, parecia abandonada de todo. Tinham ido para o hospital—mãe e filho.

* * *

Armaram-se mais tarde andaimes. Aproveitando a ausencia e a falta dos inquilinos, o senhorio ia aumentar a casa. Tudo se caiou de fresco. Pintaram-se os caixilhos, retocou-se o rodapé. E quando, certa manhã, o seu corpo esguiu chegou á porta e a sua mão quiz meter na porta nova a sua chave antiga, a porta não se abriu.

Uma cabeça fôra surgir á janela. Era a nova inquilina: outra noiva tambem. Outro casal, outra gente.

—A casa alugada!—Ficou, pegada á parede, palida, tremula, aniquilada.

Sem casa! E para quê protestar? Ha tantos mezes não pagava a renda! E dinheiro não tinha para a pagar agora. Levou num saquito o resto dos trapos, e deixou a enxerga meia pôdre. Via-a descer a travessa, deambulante, vencida, como um farrapo triste ao sabor do vendaval...

* * *

Foi então, depois de estar por esmola uns dias em casa duma visinha, a odisseia dos portais, sem abrigo, das camas do albergue dos Poiais de S. Bento, das noites gelidas sob as arcadas do Terreiro do Paço, com o filho junto ao peito nú, cobrindo-o de farrapos e de lagrimas, vendo a chuva a cair fulminante sobre o grande quadrilatero de areia, na penumbra fria dos arcos voltaicos...

* * *

Essa mulher foi presa ontem. Na sala do tribunal dos pequenos delitos, no Governo Civil, fez-se silencio quando ela apareceu. «Que entre o guarda captor»—disse o juiz, e depois, entre duas fumaças duma cigarrilha de ponta de oiro: «Jura pela sua honra dizer a verdade?» Ela não respondeu. Estava toda entregue a compôr o filhinho no colo; sacudiram-na. O juiz teve de re-

Era a odisseia dos portais, sem lar, sem lume...

petir a pergunta. Mas, ainda desta vez, ela olhou-o fixamente, e depois disse:

—Pois então não viram todos? Não me apanharam logo? Sim, fui eu!

O juiz leu o auto: «E' acusada de ter entrado numa farmacia da Rua da Prata, ontem, pelas 6 horas da tarde, e de ter roubado, com o maior cinismo, duma vitrine, uns frascos e umas latas do remedio...» e leu: ovomaltine! «Trata-se bem, vocemecê, — disse a rir. — Com que então, ovomaltine?»

—Eu só roubei as latas—murmurou a mulher, com duas grossas lagrimas a esmaltarem-lhe os olhos negros.

—Se estava doente, porque não foi ao hospital?

—Eu não roubei para mim! Nem me importa a minha vida para tanto. Roubei para o meu filho. Todas as

Roubou, cinicamente, algumas latas do remedio...

noites vinha pela baixa áquela hora, pedir alguma coisa! E quantas vezes, como ontem, até essa hora em jejum.

—Naquela montra estava o remedio. No meio das latinhas um boneco, uma creança, tão linda, tão gordinha, tão viva! Ah! como eu queria que fosse este! E tanta gente a entrar, e as latinhas a venderem-se, duas a esta, uma áquela, para todas as que os têm, e lhes querem, como eu, ao meu pobre filho!

«Só a minha desgraça era tamanha, que o meu não havia de ter nada! Entrei para pedir. E pedi! Oh! se pedi! Com as lagrimas nos olhos, pedi! Nem me responderam. Mostrei-lhe a creança, implorei-lhes que ma salvassem! Mas não me ouviram. Então, dum repelão, roubei! Roubei, senhor juiz! Roubei para o meu filho! Roubei para lhe dar saude. Matem-no a ele, se quizerem—mas matem-me a mim tambem!

E caiu numa convulsão sobre a creança...

* * *

Quando lhe disseram que estava absolvida e livre, não houve no seu semblante uma ligeira ternura. E foi, arrastando-se pelo pateo, lentamente, em direcção á rua.

Mas o juiz mandou-a chamar. Ficou só com ela: «Venha todas as semanas aqui», — e deu-lhe cincoenta escudos.

Depois tirou nervosamente uma cigarrilha.

Na cigarreira, aberta, havia um retrato de creança. Mas tinha em cima trez letras terriveis R. I. P. e por baixo dizia: «*rezai por este anjinho*».

O Reporter Misterio

CAMPO PEQUENO

ATENDENDO ao fim altruista a que se destinou a corrida de domingo—angariar receita para socorrer os orfãos e viuvas dos combatentes mortos na Grande Guerra—eu tenho por dever acompanhar o gesto da simpatica e benemerita comissão organisadora da corrida, sendo tambem benevolo nas minhas apreciações.

O que foi a tourada já toda a gente sabe pelas gazetas diarias. Houve prós e contras: aqueles foram a numerosa concorrencia que quasi encheu a lotação, tendo dado por consequencia uma receita muito rasoavel; o brilhante trabalho do infatigavel e valente toureiro Emilio Mendes; a excelente lide a cavalo, de Antonio Luiz Lopes; a faena infantil do «niño» de 13 anos; a constante oportunidade, nos quites, de Agostinho Coelho e... a marcha de guerra executada pela banda da policia. Os contras, foram «unicamente» ocasionados pelos touros, de inferior qualidade—a eterna historia!—que deixaram muito a desejar, quanto a bravura e muita «ginastica», prejudicando grande parte da lide, entregue a bons profissionaes.

A direcção da corrida, bem confiada a «Rodriguito», foi apenas censurada e berrada pelo aficionado (!) Sanches florista e alguns amigos deste.

* * *

Já que tenho falado nas constantes alternativas quero antecipar-me na referencia á que hoje vae, com justiça, ser concedida a Joaquim de Oliveira, filho do grande e saudoso toureiro João de Oliveira, de quem já tenho feito as melhores apreciacões sobre o seu valor, que não é para desprezar. Este novel profissional é digno de enfileirar ao lado dos nossos primeiros lidadores, porque dispõe de grandes faculdades fisicas e conhecimentos de toureio; bandarilha bem, maneja a muleta como o melhor dos matadores, e com o capote é um excelente peão de brega. Assim é que eu entendo que devem ser as alternativas.

ZÉPÉDRO

* * *

Detalhe da corrida, de hoje, no Campo Pequeno

1.º touro para—Simão da Veiga Junior
2.º » » —Alternativa de Joaquim d'Oliveira.
3.º touro para—João Nuncio
4.º » » —Espada «Parejito»
5.º » » —Agostinho Coelho (a sós)

INTERVALO

6.º touro para—D. Ruy da Camara
7.º » » —Simão da Veiga Junior (a sós).
8.º touro para—«Parejito» e Agostinho Coelho.
9.º touro para—João Nuncio e D. Ruy da Camara.
10.º touro para—Bandarilheiros.

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

* * *

Praça de Almada

Inaugura-se hoje a Praça de Touros de Almada, com a apresentação dos alunos da «Escola de Toureio, Luciano Moreira, sendo o curro, que vem a pé para a praça, fornecido pelo sr. Santos Jorge. Dirige a corrida o sr. Jaime Anibal Pinheiro e a lide é coadjuvada por Luciano Moreira.

A pedido da Empreza e de acordo com a Parceria dos Vapores, o transporte de passageiros custa apenas 1$00 ida e volta, mediante a apresentação do bilhete para a corrida.

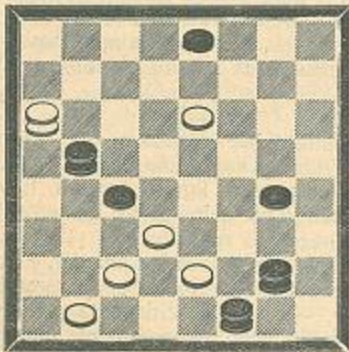
Abrilhanta o espectaculo a Filarmonica Incrivel Almadense.

DAMAS

solução do problema n.º 70

	Brancas	Pretas
1	11-16	20-11
2	2-6	31-20
3	4-8	11-4 (D)
4	3-7	20-2-9
5	1-5	4-18
6	5-14-23-30-21-14-7	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 71

Pretas 3 D e 3 p.

Brancas 1 D. e 5 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 69 os srs.: Armando Pinto Machado (Ilhavo), Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro (Bemfica), D. Emilia dos Santos Ferreira, Vicente Mendonça e Victor dos Santos Fonseca

O sr. Barata Salgueiro tambem resolveu o problema n.º 68.

O problema hoje publicado foi-nos enviado por um amador, que encobre o seu nome sob o pseodonymo »Neulame». E' da Figueira do Foz e parece ser Manuel.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 71

Por A. Waterhouse

Pretas (9)

(Brancas (6)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 69

1—D 3 B D

Resolveram os srs.: Nunes Cardoso, Marques de Barros, Vicente Mendonça e Club Portuense (Porto).

N.º 6
1.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
JOSÉ D'OLIVEIRA COSME
DR. FANTASMA

30
MAIO
1926

Apuramento do n.º 3 (1.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

D. SIMPATICO

N.º 3 — 6 votos

N.º 2, de AVIEIRA . . . . 3 votos
» 4, de KURITSA . . . . 2 »
» 5, de D. K. K. TRO . . . . 1 »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

D. GALENO (da T. E.), MARIANITA, MAMEGO.

Com 8 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

LORD DÁ NOZES, 7—AULEDO, AVIEIRA, D. K. K. TRO, D. SIMPATICO, KURITSA, 6—MENINA XÓ, MIEL, VIRIATO SIMÕES 5

DECIFRAÇÕES

1—arpão, 2—*paroia*, 3—*LASCIVO*, 4—*otomanos*, 5—triques-troques, 6—biloto, 7—paroara, 8-sarcoma.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 7, de ORDIGUES, com 3 decifradores.

DEDIC TORIAS

MENINA XÓ decifrou a charada que CAMARÃO e LORD DÁ NOZES lhe dedicaram.

CHARADA EM VERSO

A PREMIO

NOTA—O autor desta charada, oferece uma interessante estatueta, para sêr sorteada entre os decifradôres da sua producção. Esta charada nada tem com o concurso da 1.ª Serie, constituindo outra á parte. O praso para a remessa da decifração é de quinze dias.

(AOS COLEGAS DO MOINHO)

D. Miguel, quando seguia
Para, em Silves, embarcar,
Não dormia nem comia,
Sempre, sempre a matutar!

Julgou *ponto essencial*,—1
P'ra tentar nova aventura,
Ao convento de Escoural
Ir bater, em noite escura ..

Vem o *creado dos frades*-3
E, quando soube o que qu'ria,
Velóz, se afastou das grades,
Não correndo, que fugia!...

—«Ora, oiça, meu senhor,
(Lhe disse, ao tocar o sino)
Eu não sou *enredador*...
Vá seguindo o seu destino!...

Lisboa — AVIEIRA

CHARADAS EM FRASE

1) A *mulher formosa* desmaiou, *imediatamente*, quando viu o *feiticeiro*.—2—2

Lisboa — D. SIMPATICO (T. E.)

2) *Sempre que*, me foi possivel *defendi com* ardór, um feito *significativo!*—1—2—1

Lisboa — D. K. K. TRO

3) A *feiticeira* diz que *não* gosta de ouvir *musica antiga*. -2—1

Lisboa — VISCONDE DA RELVA

4) Foi «*condenada*» por ter lançado o «*animal*» ao *ribeiro*. 1—2

Lisboa — MIEL

5) Fazer um *rapto* de qualquer mulher?... Tem *graça* Se até a faz *enlevar*!... -3—1

Porto — REI DO ORCO

6) Confrades: este homem *viaja* cheio de *tristeza*! Digam-me se isto não é *raro*!...—4—1

Lisboa — LORD DÁ NOZES

7) Na *posição* em que me achava, *vi* um homem *numa rodilha*! Estava todo *esfarrapado*!—1—1—2

Lisboa — D. GALENO (Da T. E.)

[Ao amigo KURITSA]

8 Disseram-me, mas não *acreditei*, *que* eras amante duma *actriz*! —2—1

Lisboa — BAGULHO

9) E' bem *duro* saber que *o* mundo é *mau*!—1—1

Lisboa — LOHENGRIN

[Ao imenso AULEDO]

10) O senhor tem visto *multas* vezes uma «*mulher*» tocar «*flauta*»?—1—2

Lisboa — KURITSA

11) O *juiz de paz* do meu districto, é um *senhor* muito *presumido*.—2—1

Lisboa — ORDIGUES

12) Só por um simples *abraço*, logo *a* mulher nos pede *dinheiro*!—1—1

Lisboa — AULEDO

13) Não é do meu «*agrado*», vêr, uma «*mulher*» dar uma *queda no solo*...—2—2.

Lisboa — MARIANITA

CORREIO — *[Resposta a correspondencia recebida desde 16 a 24 do corrente]*.

AULEDO.—Muito agradecido pela colaboração. Mande, sempre.

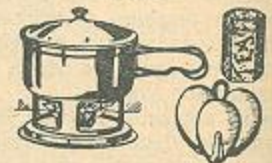
BAGULHO.—Seja bem-vindo. Espero que não ficará por aqui! Muito obrigado,

VIRIATO SIMÕES.—V. Ex.ª esqueceu-se de juntar a decifração á sua charada que tem como conceito «*chorãdeira*», motivo porque não posso publica-la. Era favô envia-la o mais breve possivel.

LOHENGRIN.—Tenha a bondade de entrar. Vê se que percebe desta *musica*...

MIEL.—Recebi tudo. Muito obrigado.

VISCONDE DA RELVA.—Lisboa, 23 de maio, de 1925 Ex.mo Sr. Recebi a sua presada colaboração que muito agradeço. Pode entrar, sim senhor! Não é preciso ser doutor... Tem todas as licenças e, para o provar, deixo a porta no trinco... Quando quizer, escusa de bater... E decifrações?...

VASCO H. DIAS.—V. Ex.ª, certamente, não tem lido o EXPEDIENTE desta secção. Muito me obsequiaria, enviando-me, *o mais breve possivel*, o seu voto sobre a melhor charada publicada no n.º 4 para me evitar o desgosto de anular uma lista tão completa como a que enviou.

DR. FANTASMA

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. ALVARO COUTINHO, 17 R/C.—LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior, saírá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

MARIO FREIRIA, ADALBERTO BÊCO, AULEDO, LOHENGRIN, PARSIFAL, KURITSA, NONÓ, VISCONDE DA RELVA.

DECIFRAÇÕES DO N.º 70

HORIZONTAIS:—1—Cova, 2—ma, 3—area, 4—abisontes, 5—ora, 6—aivão, 7—aias, 8—raiva, 9—abafa, 10—oiro, 11—salada, 12—nove, 13—reli, 14—posar, 15—pactos, 16—oraes, 17—só, 18—ele, 19—celeuma, 20—cariar, 21—má, 22—ver, 23—sal, 24—baba, 25—ano, 26—ôco, 27—animo, 28—troca, 29—ciosa, 30—bote, 31—açôr, 32—li, 33—estimaria, 34—clara, 35—ato, 36—remoe, 37—arme, 38—oiro, 39—vazio,

40—anão, 41—cirios, 42—nosso, 43—Deus, 44—Amboim, 45—assae, 46—ar, 47—Ana, 48—osculas, 49—os, 50—Amelia, 51—val, 52—vil, 53—aço, 54—Asia, 55—Abril, 56—Aço, 57—aereo, 58—zarra.

VERTICAIS:—1—cabra, 2—mão, 14—pós, 17—se, 18—em, 19—cavaco, 21—mano, 23—sama, 24—b. o., 27—aro, 28—ti, 30—bom, 31—atrevidus, 33—elmo, 34—cerosa, 36—rias, 37—azume, 38—ono, 40—an, 59—vas, 60—aro, 61—ena, 62—atiradiça, 63—iaias, 64—Eva, 65—ovinos, 66—abar, 67—salepo, 68—aros, 69—falar, 70—ova, 71—er, 72—te, 73—la, 74—erebo, 75—lira, 76—ea, 77—urbanos, 78—calo, 79—iça, 80—ora, 81—elite, 82—cia, 83—iao, 84—são, 85—Ramos, 86—rios, 87—areia, 88—ama, 89—b. s., 90—rã, 91—nó, 92—cova, 93—cadeira, 94—um, 95—leva, 96—alisa, 97—silica, 98—saca, 99—loba, 100—ao, 101—rez, 102—ler, 103—or.

PROBLEMA D'HOJE

Original dos nossos distintos colaboradôres «*DOIS PRINCIPIANTES*».

HORIZONTAIS:—1—moluscos, 2—animal 3—batraquios 4—gêsso 5—Pronome possessivo 6—elemento 7—frutos 8—parte do navio 9—parenta 10—fruto 11—suco das abelhas 12—duas vogais iguais 13—apelido 14—atmosfera 15—seguia 16—molestia 17—peixe africano 18—cura 19—manto 20—dança 21—nota de música 22—nota de música *ou outra coisa qualquer com duas letras*... 23—rente ao chão (fem.) 24—pedaço de madeira 25—tira 26—trez vogais 27—partida 28—anagrama de PÓ 29—duas vogais iguais 30—elemento 31—aqui 32—astro 33—Nome de homem 34—oceano 35—elemento 36—dourado 37—ali 38—marido de sua mãe 39—molestia 40—ponto oposto ao Norte 41—peça de vestuario das senhoras (plur.) 42—fervêr alimentos em água.

VERTICAIS:—4—ruboriza 7—instrumentos 8—soberano 16—Nome de mulher 17—duas consoantes 18—senhor (em inglês) 25—nota de música 29—nome de mulher 30—aro 31—gesso 38—instrumento 40—solitario 43—elemento 44—tranquilidade 45—carta de jogar 46—navegadôr português 47—anagrama de «TU» 49—duas letras de *Rua*. 48—monarca 50—aves (fem.) 51—tecido 52—vigiar 53—zombava 54—trez consoantes 55—peixe 56—adivinhação 57—ali 58—lástima 59—densa 60 nas aves (ping.) 61—suspiro 62—qualquer coisa com 2 letras 63—flores, 64—semblantes, 65—colocar 66—peixe, 67—corrente de água 68—rogar 69—caminha! 70—claridade 71—seguia 72—estuda.

CORREIO

AULEDO.—Tem V. Ex.ª razão. Foi um esquecimento da minha parte. Queira desculpar.

LOHENGRIN.—E' com o maior prazer que o conto no número dos colaboradôres desta secção. Espero que continuará.

PARSIFAL.—Idem, idem; aspas, aspas.

VISCONDE DA RELVA.—«Lisboa, 23 de Maio de 1926». Ex.mo Snr. Não houve engano, não, senhôr. As «casas em branco», «casam» até muito bem. Estão mesmo «branco é»... Visconde não as pôz!... sempre ao seu dispôr.

ADALBERTO BECO.—Novatos ou consagrados, todos são, sempre, bem recebidos nas minhas secções. Não serei um ilustre director mas o que posso garantir é que não deixaria passar (nem por grande descuido) os erros que V. Ex.ª aponta. Queira dar-se ao incómodo de comparar as soluções que enviou com as que hoje publicamos e achará a razão de «efebo» não sêr «inferno» e «graça» não sêr «Ras». «Erebo» e «sal» é que se verificam como «inferno» e «graça». Desta vêz... perdeu. Ao seu dispôr.

DR. FANTASMA

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

CELESTE X. – Temperamento impulsivo, inteligencia clara e intuitiva, imaginação a mais, espirito religioso, generosidade intermitente, mundanismo, bom gosto, sensualidade forte, teimosa nos caprichos, trato afavel, habilidade manual, pouca vaidade e muito orgulho de si propria; um poucochinho mentirosa.

ANTONIO PIRES.—Boa e cultivada inteligencia, espirito calculador, ambicioso, reservado, leal quando é para um amigo, pratico, trabalhador, com boa memoria para tudo, excepto nos objectos, amor á estetica.

ZITEDELGAZE. — Não posso responder a uma coisa que não traz assinatura e pouco escrito.—Escreva outra vez.

ERNESTO DE MERULA.—Força de vontade media, boa memoria, habilidade manual, habitos burocraticos, ironia, generosidade um pouco «por galeria», mais intuição que inteligencia, amor aos livros de romances bonitos, amor á dança, sentimento de poesia.

CEZAR I'ORGIA. – Força de vontade, va dade intima, bom gosto artistico, ordem, boa memoria, afeição á leitura, sentimento de poesia, lealdade, franqueza, amante de discutir, um tanto mentirosa sem consequencias.

PICO.—Vaidade pueril, caprichosa, um tanto autoritaria, generosa... mas para outros verem; imaginação, muita sensualidade, ordem nos objectos de toilette, mundanismo, trato afavel, mas prontamente irritavel.

PASSOS DIAS AGUIAR.—Força de vontade, muito impaciente, muita imaginação, vaidade, habitos de trabalho, generosidade bem entendida, ordem, asseio, boa memoria, boa disposição, optimismo, habilidade manual, boa saude, equilibrio moral, amor á dança, apaixonado, sensual. bom diplomata quando quer.

BORBOLETA X.—Não serve papel pautado.

MARFIM—Idem.

LAMENTAÇÃO.—Idem.

DAMA ERRANTE

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—«*A DAMA ERRANTE*».

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

A vitima do doutor Voronoff

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 6)

aparecerei a pessoa alguma na tua companhia... E amanhã mesmo vou requerer o divorcio!

* * *

Em nenhuma parte o acreditavam, em todas as partes riam-se dele. Os amigos, todos já com mais de quarenta anos, viam que aquela segunda juventude já não podia ter a amisade deles—porque a amisade tambem é feita sob exterioridades. E por sua vez, os jovens, os verdadeiros jovens, não podiam ser amigos daquela juventude, forçada, scientifica, que chegou até eles, vinda dos ultimos caminhos que levam á morte.

Ninguem queria compartilhar com Mario do ridiculo e do assombro que a sua passagem despertava nas ruas da cidade.

Tampouco ele podia, entre os que não o conheciam, pronunciar a sua edade—apresentar a sua certidão.. Se o fazia, repetia-se a scena da fronteira...

Por tudo isto, e especialmente porque queria reconquistar o coração de Arminda, Mario voltou a Paris e foi procurar Voronoff:—Vinha saber, doutor, se era possivel restituir-me a velhice...

—A velhice? Ora essa! O senhor, que é um dos meus mais belos «casos»! Não, meu amigo; não é possivel!

—Doutor: empregue todos os seus esforços, toda a sua sabedoria, em me fazer novamente velho! Eu sou muito desgraçado, doutor!

—Mas porquê, porquê? Se a maior aspiração da humanidade é regressar á juventude!

—Ah, doutor! Para eu ser verdadeiramente novo nesta sociedade de ideias feitas, era necessario voltar a nascer...

—Pois eu em mais nada posso intervir! E já agora deixe-me dizer-lhe que não é honesto o que o senhor está fazendo: com essa propaganda contra a juventude, acaba por desacreditar o meu invento...

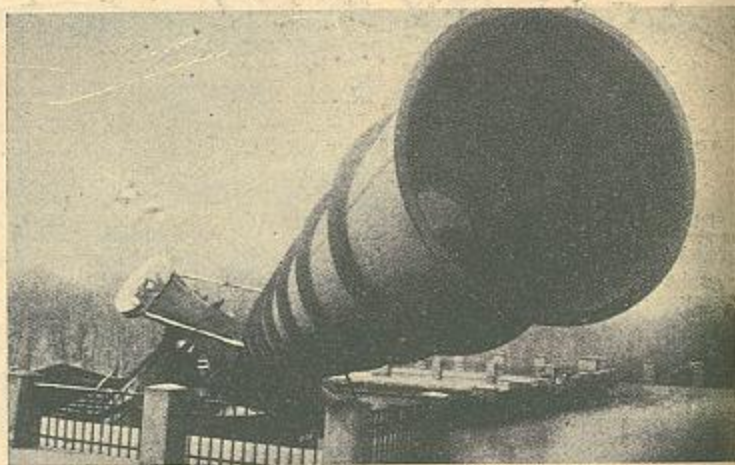
Vencido, agrilhoado á sua força de juventude, Mario Sepulveda não teve coragem de volver a Portugal—e vae agora, todas as tardes, olhar com ternura e saudade para os velhos que passam nos *boulevards* parisienses. E ao recordar-se de Arminda e de Lisboa, aquela velhice parece-lhe uma gloria, um triunfo—uma preciosidade só compreendida quando perdida... Ah! O que faria ele em Portugal, se pudesse ser novamente velho!

FERREIRA DE CASTRO

Actualidades gráficas

CLUB MARITIMO DO FUNCHAL QUE TRIUNFOU EM "FOOT-BALL"

João de Araujo (vogal da Direcção) Travassos Lopes (Presid. da Direcção) Alvaro Curado (do Conselho Tecnico) Francisco Ekker (maçagista e treineur).

O MAIOR TELESCOPIO DO MUNDO

O famoso telescopio de Berlim mandado agora aumentar, e que tem servido para as recentes descobertas acerca da nova orbita de Saturno, que vem revolucionar o mundo dos calculos astronomicos.

O DR. AFONSO COSTA, ESPIRITA...

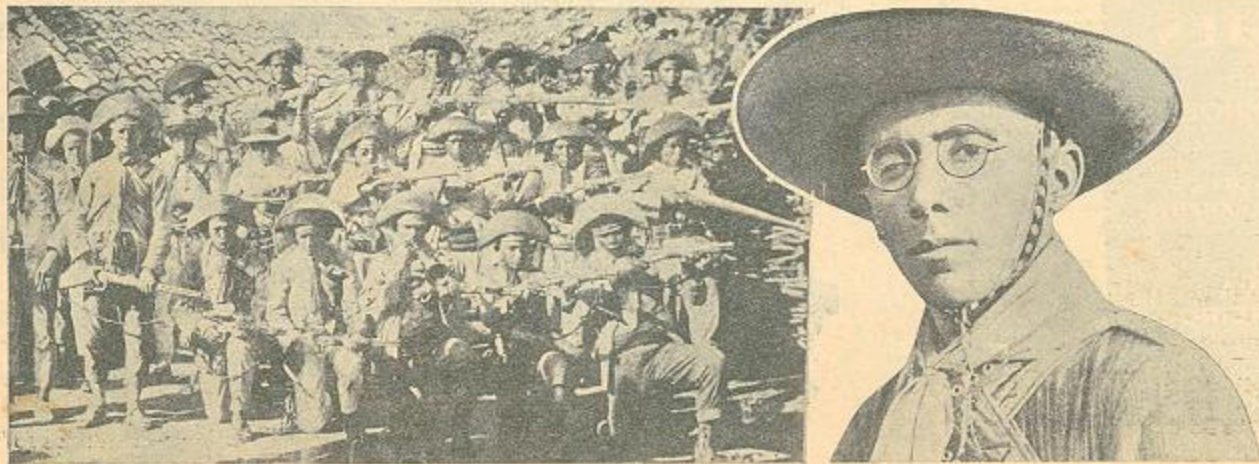
O ilustre politico português dr. Afonso Costa, á saida duma sessão dada pelo médium indiano «Isokka», no Centro Espirita de Paris.

UM CHIMPANZÉ AUTOMOBILISTA

Um chimpanzé austriaco é o «chauffeur» do carro duma grande actriz vienense. M.le Lyda Roiss. Todas as manhãs faz a limpeza ao carro e ás tardes guia-o nas avenidas, entre a multidão estupefacta...

O MUNDO MARCHA...

Uma linda actriz alemã, que não quere perder a mocidade, sujeita-se ao tratamento de enorme exito do dr. Heinz Zikel, de Berlim, com injecções de secreções glandulares de varios animais.

UM GRANDE BANDIDO Á SOLTA NO BRAZIL

O Lampeão é o celebre bandido brazileiro, com a sua famosa milicia de salteadores, que é o terror de certas regiões, e com a qual o assassino de tantas vidas a ladrão de tantos haveres pretende dar guerra ás tropas regulares e á policia de Parahyba. Actualmente está a monte, no Jaozeiro, fugindo á perseguição dos guardas. Lampeão usa uma especie de uniforme, e o seu grupo está equipado como um verdadeiro pequeno exercito.

Publicidade

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO *ilustrado*

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

Gloria aos rapazes da Madeira!

Eis as expressivas cabeças dos onze rapazes do «Maritimo», que souberam, dum golpe, marcar uma tão grande situação no sport nacional, vencendo por 7 a 1 o Sports Club do Porto, no ultimo desafio de foot-ball. São eles: Domingos Vasconcelos, Antonio Teixeira, José de Sousa, Antonio Alves, Antonio de Sousa, José Fernandes, José Ramos, José Corrêa, Manuel Ramos, Francisco Lopes e Angelo Fernandes, guarda-rêde.

DENTRO: Duas novelas completas, colaboração de André Brun, Feliciano Santos, Thomaz Colaço, Augusto Cunha, Leitão de Barros, Ferreira de Castro, etc.